



Cartas como instrumento de pesquisa. Uma reflexão metodológica sobre as potencialidades da escrita epistolar para estudos feministas

**Letters as a research tool.
A methodological reflection on the potentialities of
epistolary writing for feminist studies**

Marina de Faria

Resumo

As cartas têm sido utilizadas como recurso de pesquisa em áreas diversas do conhecimento. Adicionalmente, quando tais cartas são escritas por mulheres, elas podem revelar elementos apagados das narrativas hegemônicas. Entretanto as cartas não são comumente utilizadas como instrumentos de coleta de dados em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos. Diante de tal cenário, o presente ensaio parte do exercício de pensar o uso da carta como ferramenta para buscar diminuir o silenciamento feminino histórico, com o objetivo de propor diretrizes para a utilização de cartas em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos em Estudos Feministas. Para dar corpo a tais diretrizes foi fundamental a realização de pesquisa bibliográfica com foco nas utilizações das cartas e, principalmente, a condução de um estudo empírico no qual pudemos fazer uso de a escrita epistolar como metodologia de coleta de dados. De tal estudo, que contou com 12 cartas de mulheres migrantes brasileiras, decorreram informações e proposições- organizadas nos resultados da pesquisa em forma de diretrizes originais.

Palavras-chave: Cartas; escrita epistolar; metodologia; estudos feministas; migração.

Abstract

The letters have been used as a research resource in different areas of knowledge. Additionally, when such letters are written by women, they can reveal erased elements from hegemonic narratives. However, letters are not commonly used as data collection instruments in research focusing on contemporary phenomena. Given this scenario, this essay starts from the exercise of thinking about the use of letters as a tool to seek to reduce the historical female silencing, with the objective of proposing guidelines for the use of letters in research focusing on contemporary phenomena in Feminist Studies. To give substance to such guidelines, it was essential to carry out a bibliographic research focusing on the uses of letters and, mainly, to conduct an empirical study in which we were able to make use of epistolary writing as a data collection methodology. From this study, which included 12 letters from Brazilian migrant women, information and propositions emerged - organized in the research results in the form of original guidelines.

Keywords: Letters; epistolary writing; methodology; feminist studies; migration.

Introdução: A escrita epistolar¹

O presente ensaio parte do exercício de pensar o uso da carta como instrumento para buscar diminuir o silenciamento feminino histórico, com o objetivo de propor diretrizes para a utilização de cartas em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos em Estudos Feministas. A contribuição central da investigação aqui apresentada é a proposição de tais diretrizes que podem ser úteis para investigadoras e investigadores que queiram ter as cartas como elemento metodológico único ou complementar a ser utilizado, por exemplo, em conjunto com narrativas de história de vida. Destaco que as diretrizes vão ao encontro de tentar propor o uso de cartas para análise de fenômenos contemporâneos e não somente como documentos históricos.

Para seguir tal proposta, o ensaio está estruturado de maneira que a primeira parte apresenta sucintamente uma discussão sobre a teoria do uso das cartas como instrumento metodológico. Ao fazer tal levantamento teórico percebemos que, na maioria dos casos, as cartas são usadas como documentos históricos, com a intenção de elucidar pontos importantes de reconstrução do passado. Ainda que, logicamente, concordemos com a importância do uso das cartas com tal finalidade, a proposta aqui é ampliar as possibilidades discutindo o uso da escrita epistolar em pesquisa com foco em fenômenos contemporâneos. Com tal perspectiva, já na segunda parte, trazemos o relato de uma experiência empírica com a intenção de realizar reflexões práticas que, em conjunto com a teoria, serviram como base para a formulação de diretrizes previstas no objetivo principal da pesquisa. Tal experiência empírica consistiu, de maneira sucinta, em uma investigação que contou com 12 cartas escritas por mulheres brasileiras imigrantes para suas filhas e seus filhos. Aqui, neste artigo, não temos a intenção de analisar tais cartas. Temos sim a proposta de refletir sobre tal escolha metodológica de maneira a criar condições de expor as diretrizes que são o centro deste ensaio.

A busca por entender a potencialidade das cartas como instrumento metodológico parte da premissa de que a carta é um recurso literário que dá a ideia do investigador como alguém que está dentro, que sustenta histórias, e não só as coleta. Sendo assim, as cartas nos falam muito mais do que a informação nelas contida (Hernandez, 2013). Para alguns autores elas podem ser entendidas como espelho da alma de quem as escreve. A escrita epistolar fornece informações valiosas sobre as intenções do escritor e os vínculos que ele mantém com o destinatário. No cruzamento da história e da literatura, a carta, portanto, oferece um campo privilegiado de experimentação para a pesquisa multidisciplinar (Rochwert-Zuilli e Pardo, 2017).

Nos estudos de historiadores e historiadoras, os interesses pelos artefatos autobiográficos estão permeados por mudanças epistemológicas que envolvem: 1) a importância da narrativa dentro do discurso histórico; 2) o estudo das práticas de escrita e leitura; e 3) novos campos temáticos como pesquisas sobre o cotidiano e a vida privada. Essas transformações passaram a perceber os espaços e os atos que constituem o mundo privado como derivados de historicidade e produtores de história, portanto, fornecedores de elementos importantes sobre a produção da esfera íntima e de suas articulações com a vida social (Lima, 2010).

Tal transposição da esfera íntima para a social é especialmente importante quando se pensa em buscar formas de identificar e atenuar o apagamento das mulheres na história. Conforme ressalta Meneses (2019), do ponto de vista da historiografia é impossível compreender toda a diversidade de perspectivas em torno de um acontecimento. Todas as narrativas estão repletas de ausência, principalmente de ausências da vivência de mulheres que são silenciadas ativamente ao longo da história.

Sobre tal silenciamento, Nunes (2019) defende que se deve buscar a justiça cognitiva, social e histórica radicada nos saberes e experiências de quem sofre a opressão e a injustiça. No mesmo sentido, Reinharz (1992) destaca que para quebrar esse imposto silenciamento as mulheres devem ser encorajadas a escreverem suas próprias autobiografias.

¹ A presente pesquisa foi realizada como financiamento de bolsa de investigação atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia proveniente do Orçamento de Estado e do orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (FSE) e do Programa Por_Centro.

No que diz respeito especificamente a cartas escritas por mulheres, foco do presente artigo, sabe-se que inúmeras são mantidas em fundos de arquivos e mosteiros ou em coleções privadas e que, no entanto, merecem ser não apenas listadas, editadas e estudadas, mas também confrontadas com aqueles que pontuam textos literários e historiográficos (Rochwert-Zuilli e Pardo, 2017). Assim, propomos não só a retirada de tais cartas dos porões e fundos de gavetas, mas também queremos entender a potencialidade e incentivar que a escrita epistolar feita por mulheres nos dias atuais seja base para estudos que de fato estejam comprometidos com narrativas autobiográficas e centradas na vivência das participantes da pesquisa.

Cartas como instrumento metodológico: na história, na filologia, na literatura e nas artes

A carta, enquanto gênero discursivo oferecido aos pesquisadores, tem sido apontada como muito relevante para diversas áreas do conhecimento preocupadas com o passado, distante ou próximo. Há nas missivas ricos vestígios, a partir dos quais se pode investigar um tempo que não é o nosso (Munhós, 2016). Para Oliveira, Santos e Lacerda:

As cartas relatam intimidade dos seus autores com sua escrita e expressam a sua maneira de estar no mundo, além de conhecimentos acerca desse espaço. O que foi escrito parte da subjetividade dos sujeitos que escrevem e, assim, suas maneiras de pertencimento e interação com a cidade, uma vez que se escreve sobre espaços de identidade e pertencimento (2020: 80-81).

Folly (2020), em seu texto, que é escrito em forma de carta para as leitoras e os leitores, destaca que é impossível separar a escrita e a vida. A autora aposta nesse método, nessa prática de tecer cartas, pela possibilidade de conexão, comunicação, porque, para ela, cartas compartilhadas podem plantar comunidades provisórias e operar transformações.

Ampliando a importância das cartas como instrumentos metodológicos, Lima (2010) diz que os estudos utilizando cartas íntimas estão longe de serem reveladores somente do ser, como pensavam os clássicos ou os românticos. Para o autor, tais registros autobiográficos nos aproximam da percepção de que o *self* se constrói a partir de processos de seleção, montagem e exposição, além da leitura feita pelo outro. Sendo assim, a análise atenta de cartas tem muito a revelar e passa pelo entendimento do contexto no qual a mesma foi escrita e quem foi o seu destinatário.

Os filólogos, por sua vez, têm especial interesse pela escrita epistolar por buscarem diversos relatos e a relação entre eles, tendo como premissa que não existe realidade passada. Neste sentido, Pidal e Jerez (2005) colocam que o passado reconstruído é somente uma criação das mentes daqueles que põem ordem e dão sentido ao caos do passado. O autor coloca tal questão em oposição aos historiadores que aspiram reconstruir os feitos de outrora. Munhós (2016), a seu turno, aponta que as cartas são importantes fontes não só para a filologia, mas também para diversas outras áreas do conhecimento por serem um gênero de texto rico e encantador.

Villegas et al. (2020) fazem uso de cartas como ferramenta para compartilhar suas experiências como pesquisadoras-artistas-professoras. Em um artigo com formato de compilação de cartas, as quatro autoras relatam suas experiências como professoras-artistas em busca de pedagogias da performance. Ainda no que diz respeito ao ensino e a arte, Baldi (2017), discorrendo sobre aprender e ensinar balé clássico, destaca a importância de relatos autobiográficos. A autora destaca que os diários de bordo e as reflexões dos(as) alunos(as) eram devolvidos por ela com cartas.

Na literatura, a carta é por vezes usada como uma escolha estilística em partes de um livro ou mesmo na obra como um todo. O livro “Vista Chinesa”, da autora Tatiana Levy (2021), é um bom exemplo da potencialidade de narrativas presentes em cartas. O livro é escrito em forma de carta na qual uma mãe, a personagem principal, conta para seu filho e, principalmente, para sua filha, que ela foi estuprada. Ainda que o estupro – que é baseado em um caso real – seja o elemento central na narrativa, o que faz com que tudo seja muito denso no livro, fica claro que a história é contada de uma maneira bastante única que decorre da escolha estilística do uso da carta e também da escolha da destinatária e do destinatário para os quais ela está sendo escrita.

Em outras palavras, a autora do livro, ao escolher o artifício de escrevê-lo em forma de carta endereçada para a filha e para o filho, faz com que a narrativa ganhe contornos completamente únicos. Contornos que não seriam os mesmos caso o livro não usasse a carta como recurso narrativo.

Cartas escritas por mulheres

Na secção anterior foram apresentadas reflexões acerca das potencialidades das cartas para investigações em diversas áreas do conhecimento. Quando o foco do uso de cartas recai sobre as possibilidades de estas trazerem relatos femininos, diversos estudos mostram que as possibilidades podem ser ainda mais amplas. As cartas escritas por mulheres podem ser capazes de mostrar questões invisibilizadas e apagadas historicamente (Meneses, 2019).

Sobre a importância da análise e investigação de cartas escritas por mulheres, Ruiz (2021), se referindo especificamente à literatura medieval hispânica, chama a atenção para a falta de representatividade de tais escritos. Ao falar da escrita epistolar literária, a autora destaca que, muitas vezes, mesmo quando supostamente são apresentadas cartas reais de mulheres, estas são reescritas, compiladas ou mesmo inventadas por homens.

Colesanti (2021), a seu turno, destaca que a historiografia faz uso quase que exclusivamente de cartas femininas públicas. A autora defende que ter acesso a cartas privadas é muito importante e pode fazer com que se tenha mais conhecimentos dos sentimentos e valores políticos e sociais das mulheres.

Glauca Assis (2002) em seu extenso estudo com uso de cartas de imigrantes brasileiros e brasileiras para os Estados Unidos levanta ser fundamental ter um olhar capaz de identificar relações de gênero em tais narrativas. Para a autora perceber a presença nas narrativas de diferenças no processo migratório de homens e mulheres é fundamental para uma análise profícua de cartas de imigrantes. Ainda no estudo de Assis (2002) é destacado o papel das mulheres na transmissão de informação sobre o processo migratório para as pessoas que ficam no país de origem.

Cartas em estudos sobre migrações

O exercício empírico que será apresentado na próxima secção teve como foco a questão da migração. Quando se trata de estudos de migração não se pode negligenciar a importância de William Thomas e Florian Znaniecki (1974) que se tornaram autores de referência por consolidarem uma metodologia de pesquisa construída com narrativas centradas no que mulheres e homens migrantes diziam deles próprios. Para tais autores as cartas são importantes uma vez que configuram-se como tentativa de abolir, tanto quanto possível, o sentimento da separação física dos migrantes e seus familiares.

Tais questões relativas às cartas como instrumentos individuais não podem ser entendidas como único potencial da escrita epistolar. Nesse sentido, Costa (2021), que analisou cartas de portugueses que saíram de Coimbra para o Brasil no ano de 1917, lembra que o conteúdo de tais correspondências além de ser rico em narrativas familiares também é capaz de elucidar vários pontos da história da emigração portuguesa.

Bálsamo (2012) alerta que quando se trata de estudos sobre migração a simples presença de um pesquisador ou uma pesquisadora pode ter grande interferência. Sendo assim, para a autora, é preciso ter essa consciência no momento de escolher procedimentos metodológicos e, principalmente, na condução das análises do que for encontrado. Aqui, cientes das ressalvas e cuidados necessários, optamos pelo foco no processo migratório uma vez que os estudos sobre migrações são um exemplo de campo de investigação que utiliza cartas costumeiramente como fonte histórica de informação. Sendo assim, parece-nos um caminho frutífero pensar a utilização de cartas de migrantes em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos.

Assis (2002) chama atenção para a subjetividade no processo migratório que está relacionada aos sentimentos dos emigrantes e suas famílias: a esperança quando da partida, as decepções e dificuldades de adaptação à nova terra, a saudade, o trabalho, suas relações afetivas

e, eventualmente, o desejo da volta. Ao se questionar como seria uma forma adequada de acessar esses sentimentos, a autora encontra as cartas como resposta.

Ter acesso a cartas de pessoas que migraram pode trazer narrativas fundamentais para entender aspectos coletivos e individuais dos movimentos migratórios e diaspóricos. Santos (2020) destaca a importância das histórias orais, das cartas e das autobiografias em estudos que tenham como compromisso abordar a migração com o protagonismo do/da migrante. Leite (2017), analisando cartas de mulheres e/immigrantes portuguesas e, ao utilizar tais cartas como documentos históricos, reconhece que existem dificuldades que recaem sobre os/as investigadores/as, relacionadas com a fragmentação, irregularidade ou ausência documental. Ainda assim, a autora acredita que as missivas de mulheres levantam a possibilidade de se aproximar das trajetórias individuais, que confirmam aspectos já defendidos pela historiografia coletiva luso-brasileira, assim como evidenciam motivações de escrita e razões de viagens bem particulares.

Utilização da carta nos Estudos Feministas:² um exercício empírico

Todos os pontos levantados nas seções anteriores não deixam dúvidas de que as cartas podem ser utilizadas de diferentes formas para realizar pesquisas que tenham como proposta o protagonismo de mulheres por meio de suas narrativas autobiográficas. Hernández (2013) soma, aos já apresentados argumentos das possibilidades de utilização das cartas, a visão de que elas permitem que os leitores e as leitoras se sintam motivados e motivadas a refletir sobre suas próprias experiências a partir do diálogo com o relato que lhe propõe o/a investigador/a e os/as participantes da pesquisa.

Diante dessa potencialidade, fica o questionamento de porque as cartas não são utilizadas amplamente em estudos que têm como foco fenômenos contemporâneos. Reconhecem-se as cartas como fontes de dados documentais em pesquisas históricas, como já visto anteriormente, mas pouco se fala da escrita epistolar como forma autobiográfica de acessar histórias de vida de mulheres contemporâneas.

Aqui, no presente artigo, temos como principal proposta contribuir com diretrizes, que serão apresentadas na próxima seção, potencialmente capazes de mostrar caminhos que podem ser seguidos para a utilização de cartas escritas nos dias atuais, por mulheres, para que se tenha investigações contemporâneas centradas em autonarrativas femininas. Ainda que o exercício empírico que aqui será apresentado tenha tido como foco a questão da migração, chamamos a atenção para o fato de que as cartas não são úteis somente para abordar tal temática. Sendo assim, as diretrizes por nós organizadas não se limitam a indicar caminhos para a utilização de cartas de mulheres migrantes. Tem-se sim o foco em cartas escritas por mulheres como alternativa metodológica que busca reservar a elas o protagonismo.

A utilização de história de vida como metodologia em Estudos Feministas é bastante comum e muito importante para que se tenha narrativas que preservem o protagonismo das participantes das investigações (Evangelista, 2020; Huerta, 2021). Também é amplamente debatida a potencialidade das autobiografias, sejam elas orais, sejam escritas (Reinharz, 1992). Sendo assim, não parece ser complicado pensar nas cartas como uma ferramenta que poderia ser mais utilizada metodologicamente em estudos com protagonismo feminino.

Para começar a pensar nessa utilização de cartas, refletindo sobre potencialidades, problemas e especificidades, foi realizado um exercício empírico. Foi pedido para que mulheres que são mães e imigrantes escrevessem cartas para seus filhos e/ou suas filhas, contando sobre o processo de migração. Todas as mulheres que participaram da pesquisa são brasileiras que migraram do Brasil para diversos países.

Para conseguir encontrar as potenciais participantes, partimos de mulheres conhecidas/amigas e depois foi utilizada a técnica bola de neve. Todas as participantes são

² Nesse artigo os Estudos Feministas referem-se a um amplo campo de pesquisas comprometidas como combate ao patriarcado por meio do protagonismo das mulheres. Acredita-se que as diretrizes aqui propostas podem ser de grande utilidade para diferentes correntes e perspectivas feministas.

mulheres que emigraram do Brasil. Algumas já tinham filhos(as) antes da migração e outras tiveram filhas(os) no país de destino. Cabe o destaque de que não existiu nenhum filtro prévio com relação aos países para os quais as participantes migraram, o que faz com seja importante a visão de que, ainda que não tenha sido a nossa intenção, o estudo acabou centrado principalmente em mulheres que saíram do Brasil e foram para Portugal ou para os Emirados Árabes.

Aqui, para a finalidade deste ensaio de propor diretrizes para a utilização de cartas em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos em Estudos Feministas, não está em questão o conteúdo e a análise das cartas. O importante para esta reflexão é apresentar aspectos sobre a elaboração e aplicação do exercício metodológico. Ainda assim, cabe o destaque de que as cartas apresentaram conteúdos muito ricos tanto do ponto de vista de histórias individuais quanto no que diz respeito à tentativa de entender o movimento migratório brasileiro contemporâneo. Esse potencial das cartas de por meio de histórias individuais conseguir retratar uma questão coletiva foi descrito por Costa (2021) e confirmado no estudo realizado. Destaca-se o detalhamento trazido nas cartas sobre o momento histórico político-social que o Brasil se encontra e que foi apontado por muitas das emigrantes como causa principal do movimento migratório.

No que diz respeito diretamente aos procedimentos metodológicos, a primeira escolha que foi tomada, e que é extremamente importante quando se pensa em cartas, foi a de que os filhos e/ou as filhas seriam os/as destinatários/as das cartas escritas por suas mães. Autores como Rochwert-Zuilli e Pardo (2017) já haviam enfatizado que na escrita epistolar é muito importante a relação que existe entre remetente e destinatário(a). Ou seja, dependendo de para quem a carta é escrita ela pode ter conteúdos, linguagens e visões completamente diferentes do mesmo acontecimento/situação. Assim, ao pedir para que as mulheres migrantes escrevessem para seus/suas filhos/filhas, estabeleceu-se que a narrativa traria aquilo que elas quisessem que eles e elas soubessem e da maneira que julgassem adequada para essas crianças e adolescentes.

Outro ponto importante na escolha do desenho da pesquisa diz respeito ao momento no qual a carta deveria ser lida/entregue. Como, nesta proposta, as cartas não foram escritas de maneira espontânea, era fundamental dar o máximo de liberdade para as participantes. Pensando na liberdade, foi dito que elas poderiam escolher escrever a carta pensando que ela seria lida pelos/pelas filhos/filhas no momento atual ou em qual outro ponto da vida, por exemplo, quando elas e eles tivessem determinada idade. Todas as participantes escolheram que as cartas fossem entregues somente no futuro. Destaco a escolha de uma das participantes que, diferentemente das demais que situaram a entrega em algum momento específico do tempo como em alguma idade que as/os filhas/os deveriam ter, declarou que a entrega da carta deveria ser feita quando ela se sentisse realmente parte do novo país. E completou, depois de um longo momento de silêncio, que sequer acredita que esse dia chegará. Tal declaração tem enorme importância no entendimento da sensação de falta de pertencimento que permeia a vivência de muitas mulheres migrantes.

Outra escolha tomada com o objetivo de garantir o máximo possível de liberdade para as participantes da pesquisa foi não estabelecer nenhum formato ou conteúdo que deveria ser abordado na carta. As participantes ficaram livres para contarem o que quisessem da maneira que desejassem. Ainda assim, foi possível verificar nas cartas e utilizar como uma das bases de organização das análises, as 5 partes do padrão epistolar. Sobre tais partes, Rochwert-Zuilli e Pardo (2017) destacam que o padrão epistolar é uma invenção medieval. Neste padrão estão definidas 5 partes da carta: *salutation*, em que se estabelece o primeiro contacto entre o remetente e o destinatário; *exordium*, no qual o autor da carta chama a atenção de seu correspondente para o objeto de sua escrita; a *narratio*, ou seja, a própria finalidade da carta; e, por fim, a *petitio*, ou demanda e a conclusão. Desmembrar as cartas nestas 5 partes foi importante para tecer análises e identificar pontos comuns e divergentes nas narrativas.

No total foram escritas e analisadas 12 cartas que antes mesmo de serem lidas já demonstraram que este tipo de instrumento de coleta de dados pode ser bastante frutífero. As participantes, quase que em sua totalidade, disseram que lamentam que não tenham tido essa ideia espontaneamente de escrever cartas sobre o processo de migração. Muitas também relataram que ficaram emocionadas enquanto escreviam e que o processo foi muito revelador para elas, fazendo aflorar sentimentos, emoções e sensações. Tais relatos já foram, por eles próprios, indicativos claros do potencial que as cartas podem ter como elemento autobiográfico.

Nas cartas que foram escritas foi possível perceber que o exercício foi compreendido e executado satisfatoriamente pelas participantes. Todas fizeram relatos voltados para os/as filhos/as repletos de informações sobre o processo migratório e que ao mesmo tempo contavam e davam destaque a questões que diziam respeito à relação dessas mães migrantes com as/os destinatárias/os.

No relatado processo de investigação ficou evidente que o ponto mais sensível na proposta de utilizar cartas em estudos com foco em questões contemporâneas é o fato de ser difícil que elas tenham sido escritas espontaneamente. O ideal, para que tivesse uma metodologia verdadeiramente não extrativista, seria que as participantes tivessem escolhido escrever as cartas e que posteriormente tivessem concordado em cedê-las para as pesquisadoras. Na tentativa de esse ponto, fizemos escolhas no sentido de deixar as participantes livres para escolherem o que contar, como contar e para quem contar. Elas tinham que escrever para as/os filhas/filhos, mas podiam escolher se para uma ou um específico ou se todas/todas, no caso das que têm mais de uma filha ou de um filho. Sobre o conteúdo, pedimos somente que falassem da migração, mas nenhum tipo de roteiro foi fornecido. O resultado foram cartas bem diferentes entre si e cheias de relatos muito ricos e reveladores sobre a vivência da migração feminina.

Por fim, cabe destacar que para seguir tal protocolo de pesquisa julgamos ser fundamental que as participantes tenham acesso ao material final gerado com as análises. Por mais que ao serem convidadas para participarem da pesquisa as mulheres soubessem que suas cartas iriam compor um relatório final de pesquisa, é essencial que este seja entregue a tais mulheres antes de ser submetido para qualquer conferência ou revista acadêmica. Trata-se de uma questão ética e de coerência com a tentativa de se ter uma postura não extrativista.

As diretrizes: possibilidades e caminhos para a utilização de cartas

Conforme enunciado na introdução do presente artigo serão agora apresentadas as diretrizes para pesquisadoras e pesquisadores que desejem utilizar cartas em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos com protagonismo feminino. Cabe aqui novamente o destaque de que o conteúdo que está sintetizado nesta lista de diretrizes foi elaborado com base no levantamento teórico realizado sobre cartas como ferramenta metodológica e no exercício empírico apresentado na seção anterior. Em algumas das diretrizes apresento fragmentos das cartas por achar que podem ilustrar o que está sendo proposto.

Outro destaque importante é o de que não se tem a intenção de restringir as possibilidades de se pensar a utilização de cartas como forma de coleta de histórias autobiográficas ao que está aqui apresentado como diretrizes. A riqueza das cartas, conforme descreveram diversos autores, e que foi também verificada pelas autoras da presente investigação, está exatamente em sempre poder revelar mais caminhos e mais formas de se ver uma narrativa. Isso posto, apresentamos 10 diretrizes iniciais para aquelas e aqueles que pretendam usar cartas como ferramenta metodológica em pesquisas com foco em fenômenos contemporâneos e com protagonismo de mulheres.

1. Epistemologicamente é preciso que se parta da importância da narrativa individual, do cotidiano e da vida privada. Somente com esse ponto de partida será possível utilizar as cartas de maneira efetiva partindo do individual e respeitando suas especificidades. Esse caminho não significa que os estudos que partam do individual não serão relevantes para o coletivo. Muito pelo contrário, está na valorização da história do indivíduo a maior possibilidade de se ter um retrato mais relevante da história coletiva;
2. Em estudos longitudinais, é importante reunir cartas escritas em diferentes momentos pela mesma mulher para o/a mesmo/a destinatário/a. Tais estudos podem ser importantes para entender fenômenos mais complexos e que se prolonguem por mais tempo;
3. Buscar formas de escritas e de estrutura de relatório final que deem o devido destaque às palavras escritas nas cartas. Ou seja, o protagonismo deve ser das cartas e não das análises feitas pelos/as pesquisadores/as. No relatório final isso deve resultar na apresentação de muitos fragmentos retirados de maneira literal das cartas;
4. Sempre está muito atenta/atento à questão de quem é a/o destinatária/o da carta. Esse

elemento é fundamental para as análises e pode ser um potencial ponto a ser explorado metodologicamente. Cartas escritas pela mesma mulher sobre o mesmo enredo, mas para pessoas diferentes podem gerar narrativas bem diferentes e uma riqueza de análise muito maior. No caso de estudos com foco em fenômenos migratórios, como foi o caso do exercício empírico apresentado neste artigo, é importante entender se o/a destinatário/a está no mesmo país da remetente, se ficou no país de origem ou ainda se está em um terceiro país diferente.

5. Pode ser rico para a análise identificar nas cartas o padrão epistolar (Boureau, 1991 como citado em Rochwert-Zuili e Pardo, 2017). Cada uma das partes da carta pode ser analisada separadamente ou em conjunto dependendo do objetivo de cada pesquisa;
6. Quando se constrói um instrumento de pesquisa que pressupõe pedir que as participantes de pesquisa escrevam cartas, é preciso ter cuidado para não conduzir as narrativas. O simples pedido pode ser extremamente extrativista e capaz de interferir no protagonismo das remetentes das cartas. Sendo assim, todos os cuidados devem ser tomados para deixar as narrativas mais livres quanto possível;
7. Quando se constrói um instrumento de pesquisa que pressupunha pedir que as participantes de pesquisa escrevam cartas é importante pedir para elas indiquem quando seria para essa carta ser entregue para a/o destinatária/o. Tal deslocamento no tempo pode ser um ponto importante para que as participantes se sintam livres para escrever. Elas podem escolher entregar a carta no momento presente, futuro ou até mesmo escrever pensando no que gostariam de ter escrito em passado recente ou longínquo;
8. Pode ser de grande valia utilizar o conhecimento que se tem sobre a utilização de cartas para narrativas femininas para analisar outros tipos de narrativas que tem um/a destinatários/as como e-mails (pessoais) ou mensagens (*whatsapp*). Essas outras formas de comunicação também podem revelar questões individuais importantes;
9. Sempre que possível devem ser usadas cartas que tenham sido escritas espontaneamente. Quando as remetentes escrevem cartas por seu próprio desejo, elas são muito mais verdadeiras e próximas ao que realmente é importante para elas nas narrativas. Também é muito mais relevante quando eles decidem os/as destinatários/as;
10. Formas de análise de dados que são utilizadas por historiadores, filólogos e outros acadêmicos que utilizam cartas antigas como documentos podem ajudar na análise de cartas contemporâneas. Ou seja, entender quais são os protocolos utilizados para analisar cartas como documentos históricos pode ser de ajuda a analisar as cartas escritas atualmente.

As diretrizes apresentadas foram pensadas tendo como base a revisão de literatura e a experiência com a utilização de cartas em pesquisa com mulheres imigrantes que são mães. Logicamente, é importante que mais investigações sejam feitas para que se pense em um protocolo metodológico mais robusto. Assim, é fundamental que pesquisadores e pesquisadoras que utilizem cartas em suas investigações preocupem-se em relatar detalhadamente suas experiências para contribuir com outros estudos posteriores.

Reflexões e considerações finais

Começamos a reflexão final afirmando que, após a realização do exercício metodológico com o uso de cartas, podemos declarar que concordamos com Munhós (2016) que as cartas são encantadoras. Desde a reação inicial das participantes da pesquisa quando receberam a proposta até os resultados finais, foi surpreendente constatar a riqueza das cartas como fim e como meio de contar narrativas de história de vida. Nesse sentido, ainda que se possa fazer a pergunta “quem escreve cartas hoje?”, temos certeza de sua importância não só metodológica, mas sentimental e relacional.

Tal riqueza fica clara quando se pensa na amplitude e na potência das diretrizes que foram apresentadas na seção anterior. A autobiografia em forma de carta é rica na medida em que traz sentimentos, estabelece relações, reconta fatos para uma determinada audiência (o/a

destinatária/o), emociona, informa e faz pensar. E é também exatamente por causa de tamanha riqueza que o trabalho com cartas deve ser cuidadoso, delicado e sensível para não se cair na armadilha de uma análise extrativista com um material que tem por essência o protagonismo de suas autoras.

Por fim, é importante dizer que muitas das diretrizes aqui propostas também podem ser utilizadas em estudos que utilizam como fontes de dados grupos de conversas em ferramentas tecnológicas como, por exemplo, Whatsapp ou Zoom.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, G. (2002). *Estar Aquí, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP.
- BALDI, N. (2017, outubro). A Dança Da/Na Pesquisa Na Prática Como Pesquisa. En *Anais do I Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual*, Montevideo, Uruguay.
- BÁLSAMO, P. (2012). Migraciones, subjetividades y contextos de investigación. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*, 2 (1), 71-80. Recuperado de: <http://relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/60/63>.
- COLESANTI, G. (2021). Notas sobre las practicas epistolares de las reinas angevinas: dimensión personal, acción política, promoción institucional, asistencial y religiosa. En A. Fernández y H. Pardo (Orgs.), *Saberes, Cultura Y Mecenazgo en la correspondencia de las mujeres medievales*. Madrid: E-Spaña Books.
- COSTA, M. (2021). Cartas de emigrantes: outra visão da emigração no distrito de Coimbra para o Brasil (1916). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXXIV-1, 201-241. Recuperado de: https://doi.org/10.14195/2182-7974_34_1_4
- EVANGELISTA, M. (2020). Aborto, militância e subjetividade. *Revista Estudos Feministas*, 28 (2), 1-12. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n258758>
- FOLLY, E. (2020). A escrita como performance e as cartas como método: carta às leitoras e leitores deste artigo. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15 (3), 1-15.
- HERNANDÉZ, F. (2013). A investigação baseada em arte: proposta para pensar a pesquisa em educação. En B. Dias y R. Irwin. (Orgs.), *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM.
- HUERTA, I. (2021). Mujeres y movimiento negro afroamericano a través de la historia de vida. *Revista Estudos Feministas*, 29 (1), 1-14. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n165072>
- LEITE, A. C. (2017). Cartas de mulheres: história social da cultura escrita de e/imigrantes portuguesas no Brasil (1896-1929). *Cultura, Espaço e Memória*, 8, 357-372.
- LEVY, T. (2021). *Vista Chinesa* (1a ed.). São Paulo: Todavia.
- LIMA, K. (2010). Cartas, História e Linguagem. *Revista de Teoria da História*, 1 (3), 210-220.
- MENESES, M. P. (2019). Mulheres e violência em massa em Moçambique no período colonial tardio. En M. Boaventura de Sousa Santos y B. Sena (Orgs.), *O pluriverso dos direitos humanos. A diversidade das lutas pela dignidade* (pp. 297-322). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- MUNHÓS, F. (2016). As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (64), 336-342.
- NUNES, J. (2019). Um ser que não foi feito para sofrer: da diferença do humano e das diferenças dos humanos. En B. Santos y B. Martins (Orgs.), *O pluriverso dos direitos humanos: A diversidade das lutas pela dignidade* (pp. 68-92). Lisboa: EDIÇÕES 70.
- OLIVEIRA, V.; SANTOS, A., LACERDA, M. (2020). O recurso da “metodologia de cartas” como forma de captura dos fluxos urbanos de jovens contemporâneos. *DESIDADES*, 8 (27), 1-16.
- PIDAL, D. y JEREZ, E. (2005). *“Rodericus” romanizado en los reinos de Aragón, Castilla y Navarra*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal.
- REINHARZ, S. (1992). *Feminist Methods in Social Research*. New York: Oxford University Press.
- ROCHWERT-ZUILLI, P. y PARDO, H. (2017). Les lettres de femmes en Europe au Moyen Âge : quelques observations et un exemple. *L`Entre-Deux*, 1 (1), 1-28.
- RUIZ, A. (2021). Cartas de mujeres en la literatura hispánica del Prerrenacimiento: voces y ecos. En Á. Fernández y H. Thieulin-Pardo (Orgs.), *Saberes, Cultura Y Mecenazgo en la correspondencia de las mujeres medievales*. Madrid: E-Spaña Books.

SANTOS, M. O. (2020). Histórias de vida de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 5 (16), 1815-1827.

THOMAS, W. y ZNANIECKI, F. (1974). *The Polish Peasant in Europe and America*. New York: Octagon Books.

VILLEGAS, E., MELLO, I., LICONTI, J. y PURPER, R. (2020). Cartas entre artistas pesquisadoras professoras. *DA pesquisa*, 15, 1-19.

Autora.

Marina de Faria

Faculdade de Letras e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal.

Doutoranda em Estudos Feministas na Universidade de Coimbra. Professora de Gestão Pública na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: marinadfaria@gmail.com

Citado.

DE FARIA, Marina (2023). Cartas como Instrumento de Pesquisa. Uma Reflexão Metodológica sobre as Potencialidades da Escrita Epistolar para Estudos Feministas. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*. N°26, Año 13, pp. 48-58.

Plazos.

Recibido: 24/02/2022. Aceptado: 11/07/2022.